

ANILINA,
ZIGUE-ZAGUE E DÉsirÉE

– contos infantojuvenis –

João Paulo Hergesel

ANILINA,
ZIGUE-ZAGUE E DÉSIRÉE

– contos infantojuvenis –

2.^a edição



Editora Jogo de Palavras
• Alumínio, SP •
2018

Copyright © 2011 by João Paulo Hergesel

*Um agradecimento especial à Editora Patuá,
que cuidou com carinho da primeira edição deste livro.*

H545a

Hergesel, João Paulo.
Anilina, zigue-zague e Désirée / João Paulo Hergesel. – 2. ed.
– Alumínio: Jogo de Palavras, 2018. (Coleção Joaninha
Platinada).
96 p. | 14 cm x 21 cm

ISBN 978-85-66626-81-0

1. Literatura brasileira. 2. Ficção brasileira. 3. Contos
I. Título.

CDD: B869.93 | CDU: 82-93

2.^a edição

Impresso no Brasil

Todos os direitos desta edição reservados a:



Editora Jogo de Palavras
Alumínio, SP • 2018
www.jogodepalavras.com

A Alumínio... a cidade inteira!

“Enquanto eu tiver perguntas
e não houver respostas...
continuarei a escrever”

CLARICE LISPECTOR, **A hora da estrela.**

Prefácio

Eu queria ser diplomata. Viajar, defender o meu país com discursos heroicos, ser admirado... Cresci e mudei de ideia. Resolvi ser baterista de uma banda de rock. Me lembro de ter escrito uma música intitulada “Desinformados do Ritmo”. Acabei me formando em Direito. Escrevi petições. Busquei justiça. Me perdi em meio a tanta burocracia. Publiquei meu primeiro livro infantil aos 39 anos de idade. Só então vi que meu negócio não era diplomacia, palcos ou tribunais. Eu queria escrever. E não precisavam ser discursos, letras de música ou petições.

João Paulo Hergesel, o nosso Joaquinha Platinada*, é um exemplo de objetividade para todos. Ele, aos 18 anos de idade, publicou seu primeiro livro de contos. Isso depois de ganhar dezenas de prêmios, manter um blog de literatura infantojuvenil e escrever para duas colunas literárias. Coloquem ainda uma faculdade de Letras e um estágio dentro dessa sacola. JP caiu de cabeça naquilo que só fui descobrir que queria fazer com quase 4 décadas de vida: Literatura!

Não tem como não o admirar, não é? 18 anos e tanta bagagem... Imagine o que ainda virá por aí.

Conheci o trabalho do João Paulo através do grupo J. K. Rowling de Literatura Infantojuvenil no 6.º Desafio dos Escritores, promovido pelo Núcleo de Literatura do Espaço Cultural da Câmara dos Deputados de Brasília. Fui convidado para ser jurado e entrei durante a terceira semana da disputa. No final da competição, acabei me apaixonando pelos textos do Joaquinha. Seu talento é indiscutível. Eu sabia que ali encontraria criatividade e bom humor, além de coragem para se arriscar no inusitado e capricho na revisão, qualidades fundamentais para quem deseja se aventurar pelos mares infantojuvenis.

Alguns dos contos desse livro estiveram no Desafio. *Saindo do meio da bugiganga* apareceu na quarta semana e me agradou tanto que dei nota 10. *Ao abacateiro do vizinho* surgiu na sexta semana. Adorei a sonoridade da expressão “cara a caule”. *Meu louro preferido* também mereceu nota máxima. Nesse último, o JP criou o que ele mesmo batizou de crônica-teatro. “Uma crônica com falas ou um roteiro com parágrafos. Uma peça para ser lida, e não encenada; uma crônica dramatúrgica, e não narrativa. Uma espécie de teatro sobre si”.

Ted me fez pensar nas oportunidades perdidas. Gargalhei com *A cor dos meus olhos*. Me encantei com a ironia inteligente de *O menino que não acreditava em anjos*.

João Paulo Hergesel nos presenteia com esses e outros ótimos textos no livro *Anilina, zigue-zague e Désirée*. Deite na rede e deixe as histórias te balançarem.

Alexandre de Castro Gomes

Carioca, nascido em 1969. Ex-aluno de escolas americanas e formado em Direito pela Cândido Mendes de Ipanema – RJ. Criador do site www.eraumavez.com.br, publicou seu primeiro livro O Julgamento do Chocolate em 2008. Em 2009, lançou Viagem Espacial Interativa e em 2010, Condomínio dos Monstros, todos pela editora RHJ.

A combinação de três das características mais marcantes do autor – inteligência, criatividade e bom humor – deu origem às situações inusitadas e hilariantes que você, leitor, encontrará nos contos de *Anilina*, *zigue-zague* e *Désirée*.

Através de seus textos, o autor nos transporta magicamente ao seu mundo imaginário de tal forma que, como num sonho, passamos a fazer parte da história e conseguimos realmente sentir o que cada personagem sente, seja alegria, medo, frustração e até aquele friozinho na barriga.

Então, prepare-se para mergulhar em um mundo surreal de gatos empresários, mimeógrafos com depressão, personagens que saem de seus livros, caroços de abacate aterrorizantes, bússolas falantes e outras situações que só poderiam ter saído da imaginação única e surpreendente do João Paulo.

Aryanna Christine Ceretta de Araújo

Professora de Inglês e amiga do JP.

Sumário

Ted.....	15
Verano.....	22
Sombriamente apaixonada	26
Um gato	29
Anilina, zigue-zague e Désirée	32
Cópias, cópias, cópias, cópias	38
Saindo do meio da bugiganga	45
A cor dos meus olhos	52
No livro de geografia	56
Vera Verona	60
Ao abacateiro do vizinho	67
Meu louro preferido	72
O menino que não acreditava em anjos	83
A bússola mágica	86

Ted

Em meu estágio de normalidade, sou um cara notavelmente esquisito, a começar pelo nome: Thomas Edison. Quem é que, em pleno século 21, se chama como um inventor de gerações passadas? Coincidência ou não, uma lâmpada acendeu sobre minha cabeça, ainda na infância, e me deu uma ideia: inventar um apelido.

Tom? Ed? Encurtar o primeiro ou o segundo nome, não sabia o que era melhor. Sozinho, conversando com o espelho, concluí que não havia melhor; eu não tinha cara de Tom, muito menos de Ed. Que mal eu teria feito à minha mãe durante a gestação para que meus pais me batizassem com esse nome, e por que o padre não os impediu? Em meio à fusão de pensamentos, uni o inútil ao desagradável: Tom + Ed = Ted.

De imediato, gostei do apelido e me antecipei ao afirmar que era assim que eu gostaria de ser chamado. Bastou que os amigos (amigos?) ficassem sabendo do surgimento do Ted que as piadinhas começaram. Fui chamado de ursinho de pelúcia, protagonizei um trava-língua – Ted toma Toddy toda tarde – e servi de substantivo primitivo para o tédio.

Com o tempo, as gracinhas foram parando e, atualmente, só aturo um ou outro engraçadinho que me

compara a Teddy Thompson. Mas antes ser um cantor britânico que um beerrão de achocolatado.

Se eu ainda soprasse velinhas, no mês passado teria apagado dezenove. Ou melhor, teria tentado apagar, já que velas de aniversário são teimosas a ponto de não deixar a chama virar fumaça na primeira brisa. Alguns aniversariantes ficam como bobos, soprando, soprando e soprando; eu observaria a frustração do fogo que não tem forças nem para iluminar um lugar escuro e apenas bocejaria.

Dormir é um dos meus passatempos preferidos, um que executo de olhos fechados, mas nem sempre quando quero. A música alta na casa do vizinho no ápice da madrugada e o galo azucrinante que mora na casa da frente sempre interrompem o meu sono. Quando não é isso, é meu pai que entra no quarto e deixa alguma justificativa furada sair da boca. Nunca sonho que sou uma mola, mas sempre acordo pulando por causa do susto.

Num domingo de aparência comum, não foi diferente. O rádio estava com o bico fechado e o galo mantinha o volume no mínimo (ou vice-versa), mas meu pai representava o oposto e, quase derrubando a porta, disse em alto e bom tom:

– Acorde que vamos à missa!

Paulo, o nome de meu pai, é bíblico. Ester, o de minha mãe, também. Isso talvez explique a religiosidade dos

dois – e me faz pensar: “por que Thomas Edison, e não Tiago, João ou Marcos?”

Meu celular, repousado no banquinho ao lado da minha cama, mostrava preguiçosamente que ainda eram seis da manhã, e eu tentei inventar a dolorosa desculpa da enxaqueca para não ter de levantar, mas não adiantava relutar: eu estava sendo obrigado a ir à igreja e passar pelo menos uma hora da minha manhã lá.

Costumo dizer que não funciono antes das nove horas. Por isso me arrumei numa espécie de piloto automático: os olhos de defunto contrastavam com o resto do corpo, que parecia ter vida própria. Entrei no carro sonolento e sem muito ânimo.

Chovia uma chuva bem chovida. Pela agressividade com que a chuva caía, podia classificá-la como estúpida e seca – seca num sentido de metáfora; estúpida numa metáfora sem sentido.

Da esquina, era possível notar o número de pessoas que, em pé, próximas da porta, lotavam a igreja e pareciam não caber lá dentro. Vinho transbordando do cálice na missa das sete. Comprovação de que Deus ajuda quem cedo madruga.

Já sem lugares para sentar, me encostei à parede perto do altar e fiquei na companhia de meus pais e de alguns bocejos involuntários (mas totalmente

compreensíveis, visto o horário e o aconchegante barulho da tempestade).

Achei que fosse coisa do sono quando vi que, encostada a alguns passos de mim, estava o que eu chamaria verdadeiramente de figura angelical. Provavelmente já tivesse visto outras garotas mais bonitas que aquela, mas me senti conectado de alguma forma. Que homilia, que comunhão, que o quê?! Minha atenção ficou inteiramente voltada para a jovem que carregava no pescoço uma gargantilha de ouro confeccionada com o nome July. Nome simples; par ideal para um nome diferente como o meu.

Nos domingos seguintes, fiz questão de ser o primeiro a ficar pronto para ir à missa, mas o ditado que comprovei nessas outras semanas foi que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar. Não mais encontrei a bendita garota.

Julho > Agosto > Setembro > Outubro > Novembro > Dezembro > Janeiro > Fevereiro. Os meses se tornavam. (Tornar tornou-se intransitivo.) Logo na vinda de fevereiro, um carnaval nas prateleiras das papelarias indicava a volta às aulas. No meu caso, início de mais um semestre na faculdade: o terceiro de Letras.

Com cinquenta e um alunos, podia-se dizer que a classe era boa, sem referências publicitárias. Sentada na primeira carteira próxima à porta, o gargalo da sala de aula,

encontrava-se uma terra já descoberta, embora nunca explorada: July.

O professor de Literatura Infantil e Juvenil chegou quinze minutos atrasado. Desculpou-se culpando o trânsito que estava um adjetivo que não se enquadra nos livros infantojuvenis.

Antes de começar com a aula, decidiu contar a novidade: a universidade, a partir daquele semestre, receberia alunos de intercâmbio. Julianne Gardin, estudante australiana de Literatura Universal, que esteve em outra universidade brasileira no semestre passado, passaria os próximos meses na minha turma.

Uma oceânica no meio dos sul-americanos. Um canguru num território de onças. Uma nota de dólar inserida entre várias cédulas de reais. A intercambista australiana, que à primeira vista havia atraído meu olhar facial, agora atraía também os olhos do coração. Situação-problema.

O desafio de paquerar uma garota, que já era difícil por causa da minha congênita esquisitice mesclada à timidez, se tornou duas vezes e meia mais complicada. Mas os motivos eram simples.

Primeiro: para conquistá-la, eu precisaria ser amigo dela.

Segundo: para ser amigo dela, eu teria que falar a minha idade, como é a minha personalidade, quais são os meus hobbies...

Segundo e meio: ...e revelar o meu nome.

Um enrijecimento semiespontâneo atingiu os joelhos que me fizeram levantar: deixaria o Thomas Edison na escuridão e apresentaria apenas o Ted. Entretanto, minhas articulações enfraqueceram no segundo seguinte.

Ela poderia pensar que eu estivesse a chacoteando numa suposta alusão aos coals, ou me transformar em personagem de um trava-língua em inglês – *Dad! That dead Ted!* -, ou me usar oralmente como prefixo para tadpole (girino). Pior se ela supusesse que eu me considero um bambambã por usar heterônimo de gente famosa.

Inconveniente, bobo, anfíbio, arrogante. Nenhuma das quatro características era o que eu queria que ficasse na primeira impressão. O sentimento era uma cebola cheia de camadas: nome miserável, vergonha do nome miserável, vergonha de sentir vergonha do nome miserável.

Ocultei meu nome, ocultei o que sentia por ela, ocultei inclusive o fato de estar ocultando as coisas. Embora com minha ocultação, o presente não parou de expor o futuro.

Fevereiro > Março > Abril > Maio > Junho > Julho. Na tornada, o tempo de July no Brasil se esgotou. No último dia antes das férias de inverno, ela fez questão de se despedir de todos da sala, inclusive de mim, que nunca falei um a, que nunca emiti um fonema sequer que ela pudesse ouvir. Talvez até mesmo por isso ela me olhou e,

com o mesmo sorriso divino do primeiro dia em que a vi, disse:

– Goodbye, *quieted* boy.

A justaposição (*quiet* + Ted) foi a responsável pelo maior choque que já levei. Naquele momento, cri que o melhor nome para mim seria Benjamin Franklin. Eu poderia até inventar um apelido: Ben. E aí seria chamado de Ben-te-vi, protagonizaria um trava-língua – Ben bebe baba de bebê –, serviria de antônimo para o mal, seria comparado a personagens de desenho animado...

Verano

Para minha surpresa quando voltei da escola, o gato já estava lá. Chegou do nada, assim, sem avisar, como chuva de verão. Era filhote ainda, todo preto, apenas o focinho branco – de leite. Nunca havia tido um animalzinho de estimação, mas soube logo no primeiro contato visual que aquele gato de rua cumpriria fielmente com o papel.

Sobre o tapete-capacho da área frontal de casa, ele dormia um sono tranquilo e sequer se mexia. A única comprovação de sua vitalidade era a região abdominal que inflava e em seguida esvaziava por causa da respiração. Quando aproximei, ele abriu os olhos preguiçosamente.

Passsei a mão sobre seu dorso. Foi um toque aconchegante, assim, quentinho, como sol de verão. Até minha mãe, que não era fã de gatos, arriscou um afago na barriga e quase levou um arranhão. Ele tinha o ventre sensível, avisou com o ronronar que não gostava que o tocassem.

Precisava de um nome; miou um palpite. Foi um miado suave, assim, gostoso de assimilar, como brisa de verão. “Que tal Verano?”, sugeri. Ele entortou o pescoço para a esquerda, era um suposto sim.

Feito o batismo, corri para cozinha, o almoço me esperava. Na mesa, arroz, feijão e peixe frito. Peguei uma

sardinha a mais, guardei para o Verano. Devorou tudo em poucas mordidas, os dentes de Verano eram afiados.

O calor me deu a ideia de lhe dar um banho. No mesmo instante, me lembrei do ensinamento: “Gatos tomam banho de língua”, mas fiquei sem graça em lambê-lo, por isso optei pelo método tradicional.

Tomei emprestado o xampu para cabelos brilhantes da minha mãe e enchi uma bacia com água da mangueira. Notei, pela minha imagem refletida naquela água, que ainda estava de uniforme. Para evitar o nhem-nhem-nhem materno, “por que foi molhar a camiseta?”, a tirei.

À flor dos meus sete anos, nunca havia cometido um acidente entre o pescoço e a cintura, o tórax e o abdome estavam em perfeitas condições. Também perfeita estava a preparação para o banho de Verano.

Olhei para ele, ele me encarou; cheguei perto dele, ele levantou o rabo; toquei nele, ele tentou fugir; o agarrei pela barriga. Ele tinha o ventre sensível, avisou com o ronronar que não gostava que o tocassem.

Mais do que um arranhão, levei uma mordida bem do lado esquerdo do umbigo. Doeu, sangrou, os dentes de Verano eram afiados. Disparei para dentro de casa segurando o local onde fui atacado. Sangue escorria entre os dedos, lágrimas escorriam pelos olhos. Minha mãe foi obrigada a se fazer de enfermeira.

Depois do curativo, o sermão. “Onde já se viu uma coisa dessas? E se ele tiver alguma doença? E se passou raiva?” Respondi apenas com soluços pós-choro. Passei a tarde vendo tevê para esquecer o ferimento que deixaria cicatriz.

Mesmo com o volume alto, escutei quando o portão de casa abriu, sabia que era meu pai chegando. Sabia também que o “xô, passa!” seguido da batida de pé era para expulsar Verano.

Saí e intervim, aquele agora era nosso gato. De nada adiantou meu pai fazer cara feia e dizer que gatos não são confiáveis e não têm amor, que só estão interessados em comida e lugar para dormir.

Verano ficaria.

Logo na primeira noite, a irritação. Verano chorava miados agudos que não deixavam ninguém na rua dormir. Sentia saudade da família que nunca tivera.

Mal-humorado e com sono, meu pai disse que ia dar um jeito. Fui junto para me certificar que o jeito seria dado com jeitinho. Ao abrir a porta, a surpresa: Verano passou por baixo das pernas de meu pai, derrubando-o. Minha mãe novamente se fez de enfermeira.

De nada adiantou meu pai, zangadíssimo, confirmar que gatos não são confiáveis e não têm amor, que só estão atrás de comida e lugar para dormir. Verano tinha confiança

em mim e eu o amava; isso era o que importava. Verano ficaria!

Na manhã seguinte, antes de sair para a aula, coloquei mais leite no pires. Verano dormia tranquilo, agora sob o tapete-capacho, protegia-se do frio da aurora.

Durante a aula, pensei nas inúmeras possibilidades de brincadeiras que teria à tarde com Verano: fazê-lo atender pelo nome, correr atrás de novelos de lã, equilibrar-se sobre o muro do quintal, caçar ratos... O sinal da saída foi o som mais alegre do dia. Alegria que acabou tão logo cheguei em casa.

Para minha surpresa quando voltei da escola, o gato já não estava mais lá. Verano se foi, assim, de repente, como se vai o verão.

Sombriamente apaixonada

Quem me disse que já era tarde foi o relógio na cabeceira da cama. Se dependesse de mim, amanheceria acordada, lendo o romance juvenil recém-lançado. Nem tanto pela história, mas por estar na insubstituível companhia dele, que era literalmente minha sombra.

Ao primeiro suspiro de vida, eu o recebi como um valiosíssimo presente imaterial; desde então, ele não se desgruda de mim. Dizem que a sombra é responsável pelas maldades da pessoa; de fato, minha sombra não é boazinha. Ele – afinal, minha sombra é do sexo masculino – tem um gênio forte e me faz sentir vontade de quebrar tudo, falar os palavrões mais bizarros da língua portuguesa e de outros idiomas. Mas também é ele que me faz companhia nos momentos em que me sinto abandonada, sozinha no mundo.

No romance adolescente que lia, a garota se apaixona pelo garoto que lhe diz palavras bonitas. Entre mim e minha sombra não há diálogo, mas não é necessária uma palavra sequer para nos comunicarmos. O simples fato de estarmos juntos já fala por nós e me faz perceber que vivo um romance assombrado.

Fechei o livro e levantei para fazer o mesmo com a porta do quarto. Ele me acompanhou em cada passo. Um toque no interruptor e a luz se apagou no mesmo instante,

impossibilitando-me de vê-lo precisamente. Na escuridão da noite, ele poderia estar em qualquer lugar, mas preferi pensar que ele estava em todo lugar. Fechei tranquilamente os olhos e adormeci.

Fui direcionada a um ambiente beligerante, muita explosão, pouca claridade. O medo corria alucinado pelas minhas veias, eu protagonizava um pesadelo mais real que a própria realidade. Também assim foi minha sensação de alegria quando ele apareceu, da maneira mais visível possível, caminhando na minha direção.

Através do subconsciente, ele tinha o poder de se separar de mim e, mesmo assim, quis ficar ao meu lado e me proteger do perigo. Estiquei minha mão para segurar a dele e me surpreendi negativamente com sua hesitação, embora compreendesse que ele deveria estar tão assustado quanto eu. Insisti e descobri, com um toque, que ele havia se materializado. Doce felicidade interrompida pela explosão de uma mina próxima a nós. Fomos jogados ao longe.

Ocasionalmente, ele estava sobre mim, seu rosto, ou o que deveria ser um rosto, diretamente acima do meu. Pude notar, pela primeira vez, uma expressão além do vulto: parecia perdido, como se não soubesse o que fazer, surpreso com aquilo. Tinha certeza de que minha face transparecia a mesma emoção.

A decisão foi tomada num microscópico período de tempo. Aquele era o único momento, talvez da minha vida,

em que eu teria a oportunidade de beijá-lo. Sentia meu coração acelerar a cada segundo e podia ouvir uma estranha palpitação vinda dele; aparentemente, um coração sombrio dava seu primeiro sinal de vida. Utilizei meu último sinal de coragem e levei minha boca de encontro à dele.

Um feixe de luz surgiu sutilmente na direção dos meus olhos, mas eu não quis acordar. Preferi viver naquela penumbra chamada amor.

Um gato

Era uma empresa como qualquer outra. Talvez com um prestígio um pouco mais elevado, mas ainda assim uma empresa comum. Eis que um dia apareceu um gato. Ficava o bicho na porta, com seus meigos miados e olhos de filhotinho carente. Quem por ali passava e via o gato se enternecia.

Dias passaram e o gato continuava sentado em frente da porta. Gente entrando, gente saindo, e o gato assistindo a tudo com muito cuidado. Ora jogavam-lhe migalhas de pão e ele ali ia ficando. Numa reunião entre os funcionários, decidiram adotar o gato.

A princípio, ele ficava numa área de serviço na parte de trás da empresa. Dividia o espaço com algumas plantas, mas parecia feliz. Tinha sua própria casinha, um pires com leite e um pratinho com atum. Vez ou outra aparecia alguém num momento de folga para mimá-lo.

Com o decorrer do tempo, o gato se tornou membro da empresa. Deu que com isso ele começou a ter obrigações: punham-no para caçar ratos, usavam-no como espanador, impunham-no a vigiar a empresa durante a noite. E se não era bem-sucedido em seu serviço, tiravam-lhe parte da comida e davam-lhe tapas no focinho. Então o gato fugiu.

O pequeno felino simplesmente desapareceu; sem despedir, foi embora. Logo sentiram sua falta. Já não havia mais quem lambesse suas mãos, quem pulasse em seus colos, quem roçasse em suas pernas. A empresa voltou a ser como outra qualquer. Talvez agora com um prestígio um pouco menos elevado.

Surpresa foi que o gato voltou. Após alguns dias sumidos, ele decidiu dar a cara na empresa novamente. Quando viram e reconheceram o rabo rajado, fizeram a festa. O gato, a partir de então, passou a ser tratado com leite de cabra e salmão. Decidiram também dar um emprego remunerado a ele. E, só pelo fato de o bichano fazer-se fielmente presente, iam promovendo-o. Passou de recepcionista a executivo; de executivo a gerente; e de gerente a presidente.

Os demais funcionários tornaram-se submissos a ele. Tudo, exatamente tudo naquela empresa precisava da autorização do gato para ser feito. Aconteceu que, por não conseguir segurar a caneta, o gato não pôde assinar a folha de pagamento dos funcionários. Com isso, ninguém mais recebia salário.

Passaram semanas, passaram meses, passaram anos. Todos, como antes, trabalhavam arduamente, sob as ordens do gato. Até que um dia um dos telefonistas, cansado de não ser pago pelo serviço prestado, entrou na sala presidencial e atirou um pau no gato, acabando com as sete vidas do

bichano. Terminou que este um foi preso e torturado pelo crime cometido.

Anilina, zigue-zague e Désirée

– Minha sogra é... Feia!

O jogo era stop e a letra da vez era F. Qualquer tipo de brincadeira serviria como distração para dois adolescentes entediados em uma tarde gelada. Pierre e eu jogávamos em meu quarto de menina mimada, tendo os bichinhos de pelúcia como plateia e pôsteres de cantores *teen* como cenário.

– Fantasmagórica – eu disse. – Dez pontos!

Pierre olhou instantaneamente em minha direção. Pela lente dos óculos, passava um misto de espanto e humor.

– Fantasmagórica? Quem é que usa essa palavra para descrever uma sogra? Ou melhor, quem é que usa essa palavra para descrever qualquer outra coisa?

– Agora, eu uso. Sempre achei essa palavra bonita, só que é difícil encontrar uma oportunidade de dizê-la.

A cara dele não mudou.

– Vai dizer que você não tem palavras preferidas?

Ele balançou a cabeça para os lados, em negação, fazendo brotar um suave sorriso, provavelmente demonstrando que havia achado minha pergunta inusitada.

– Eu tenho o costume de vasculhar o dicionário em busca das melhores – contei. – Além de fantasmagórico, também gosto de anilina, zigue-zague e Désirée.

– Désirée não está no dicionário. É nome de gente.

– Mas é palavra e gosto dela mesmo assim.

Enquanto ele pensava em alguma coisa enigmática, dei continuidade no jogo.

– Animal: flamingo!

Ele se manteve em silêncio, com o olhar vago. Pela lente dos óculos, não passava nenhum tipo de emoção. Era como se ele estivesse com a cabeça em outro lugar.

– Pierre?

– Fantasmagórico me fez perceber que preciso construir uma mansão antes de morrer.

A sensação de dúvida, então, passou a pertencer a mim. Arrisquei a perguntar o porquê.

– Depois que a gente morre, a gente vira fantasma. Todo fantasma que se preze vive em um casarão. Se eu não tiver o meu, onde é que vou morar? Será bem difícil encontrar mansões com vagas para mais um fantasma.

Caímos na risada e um ano se passou.

Mantínhamos nossa amizade após esse tempo, tanto que continuávamos voltando juntos da escola. Numa dessas voltas, um caminhão, desobediente ao semáforo, veio em

nossa direção quando atravessávamos a rua. Pierre quebrou apenas o braço direito. O braço direito foi apenas o que eu não quebrei.

Sair do corpo foi uma sensação muito esquisita. Não houve dor nem barulho; somente um silêncio fantasmagórico e algo parecido com um vendaval que me arrastou para longe do local do acidente. Fiquei esperando para saber se haveria uma ascensão ao céu, mas nada mais aconteceu.

Dei um giro com o corpo, ou melhor, com meu ectoplasma – a história do lençol é pura ficção – e percebi que estava bem em frente da casa do Pierre. A janela aberta era um sinal de que eu deveria entrar e assim o fiz. Sobre a cama de seu quarto, havia um diário. Como fantasma, eu, estranhamente, não conseguia ver as pessoas vivas, mas podia ver os objetos. No diário, havia um desabafo: ele me pediria em namoro naquela tarde.

A surpresa não conseguiu me ressuscitar, mas fez com que uma fumacinha saísse do lugar onde deveriam ser meus olhos. Saí voando pela mesma janela, com destino certo.

Fui, volitando, até minha casa. Meu quarto era o único lugar que me confortava em momentos assim, chocantes. Mas não consegui ficar lá por muito tempo, pois percebi que não poderia viver em uma casa como aquela, que era pequena demais para meu eu fantasma.

As energias que estavam comigo pertenciam a outra dimensão, então resultava em problemas para o mundo dos vivos. Ao atravessar as paredes, me esbarrava nos canos e provocava infiltração. Ao atravessar objetos, os deixava frágeis e alguns até quebravam. Se me aproximava de alguém, mesmo sem poder enxergar, causava dor de cabeça na pessoa.

Ser um espectro não era coisa fácil. Pierre estava certo: fantasmas precisam morar em mansões, que são mais amplas do que casas comuns. Portanto, eu precisava encontrar uma nova moradia.

Tentei o supermercado, mais precisamente a seção de macarrão instantâneo. Porém, qualquer alimento em que meus fluidos tocassem se estragava. Mesmo com um prazo longo de validade, os mantimentos apresentavam podridão. Para não prejudicar o dono do mercado e também os consumidores, saí de lá.

Fui para uma perfumaria. Sempre fui muito vaidosa, portanto acreditei que me adaptaria bem aos cosméticos. No entanto, bastava que eu chegasse perto e os perfumes cheiravam a enxofre e as maquiagens derretiam. Era o caos da beleza industrial.

Então, me mudei para a oficina mecânica. Os carros eram lugares confortáveis para passar as horas, mas eu acabava, ainda que sem querer, secando os combustíveis e desregulando motores e outros acessórios.

Eu estava sem lugar para morar. Era a figura fantasmagórica que só servia para atrapalhar as pessoas ao meu redor. Queria morrer, mas isso já tinha acontecido. Decidi que passaria os meus dias embaixo da ponte, pois o córrego já estava poluído e eu não podia piorá-lo. Mas, passando em frente a uma banca de jornais, li a matéria de capa de uma revista sobre bizarrices e notícias inusitadas:

Hotéis Mal-Assombrados.

Pesquisadores defendiam que havia, sim, fantasmas habitando na maioria dos hotéis. Tanto que os sons misteriosos ouvidos durante a noite e os vultos que assustam os hóspedes são provocados pelos espíritos que repousam nesses lugares.

Decidi me transportar até o principal hotel da cidade. Agora, eu enxergava os fantasmas claramente e um já velhinho estava no saguão quando cheguei.

– Oi...

– Seja bem-vinda! Você não é muito nova para estar no mundo dos desencarnados?

Contei, então, a história do caminhão e minha luta por uma nova casa. Ele riu e disse que aconteceu o mesmo com ele até encontrar aquele hotel. Lá, ele mora de graça com outros fantasmas, e toda noite, como fantasma não precisa dormir, eles se reúnem para jogar cartas.

Naquela madrugada, depois de três partidas de buraco, sugeri um novo jogo para eles. Enquanto brincava de stop com meus novos amigos, me lembrava nostalgicamente daquele grande amigo com quem tanto joguei. Ninguém entendeu quando, em uma rodada com a letra A, escrevi: “Minha sogra é... A mãe do Pierre”.

Cópias, cópias, cópias, cópias

O mimeógrafo tomou o maior susto, o álcool da sua almofadinha até evaporou, quando os alunos olharam para ele sem entender nada.

Mesmo nervoso, ele tentou ser simpático, abrindo-se desajeitado. Mas todos o enxergavam apenas como um esquisito objeto jurássico de vinte quilos. O constrangimento do mimeógrafo é imaginável – depois de tantos anos inutilizado, saiu do armário e ninguém mais o reconhecia.

Ele respirou fundo para ter a coragem de mostrar que ainda funcionava e engoliu em seco a folha sulfite que estava a seus pés. Notou alguns risos de chacota nos rostos dos que se sentavam na frente e, assim que a professora girou a manivela, ele gemeu de tristeza. O ruído foi, na verdade, um grito sussurrado num pedido de súplica.

– Por favor, pareis de rir de mim.

Ninguém ouviu tais palavras, nem o verbo arcaicamente conjugado na segunda pessoa do plural, mas taparam os ouvidos por causa do barulho irritante. Um engraçadinho, então, se levantou e falou em voz alta:

– Essa coisa deveria estar em um museu.

A frase foi um tiro no peito, ou melhor, no cilindro metálico do velho equipamento. Perante a má recepção, ele

se entregou à nostalgia e lembrou seu passado, o período antes de sua aposentadoria.

Há doze anos, com a invenção e expansão das impressoras, ele lutava contra a certeza de que seu destino seria a caçamba de lixo ou, se desse sorte, a companhia de reciclagem. Ficava lá, encolhido no canto da mesa do professor, sem uso, mas pelo menos sua presença ainda era vista como normal.

Era dia de prova e a professora havia digitado as questões em seu computador. Na época, salvavam-se os arquivos em disquetes e era fácil carregá-los na bolsa. Com o periférico em mãos, a professora desceu até a sala da coordenação para imprimir as cópias que precisava. Inseriu o disquete na CPU, executou o programa e deu um clique para imprimir. A impressora, no entanto, não reagiu à manifestação.

Ela estava sonolenta, sem muita vontade de trabalhar e recebeu uns belos tapas para ver se acordava. A coitada nem respondia à pancadaria; estava fraquinha. Como sempre, era incompreendida pelo usuário que não percebia que lhe faltava alimentação, seu cartucho estava vazio.

Espumando de raiva, a professora retornou à sala de aula, disposta a adiar a avaliação para o dia seguinte; porém, como alguns alunos agiam com indisciplina, correndo por

todos os cantos da sala, a decisão foi de que a prova seria naquele mesmo momento.

Tirando da gaveta uma folha de estêncil, a professora manuscreeu todas as questões, que ainda estavam fresquinhas em sua mente, e rodou no mimeógrafo para todos os alunos. Essa, entretanto, não foi a primeira vez que o mimeógrafo se sentiu útil.

Há vinte e oito anos, com a chegada e multiplicação das máquinas de xerox no mundo, o mimeógrafo relutou para não aceitar que seu fim estava próximo. As fotocópias eram tão mais rápidas, simples e perfeitas que a autoestima dele fez como um avião que sofreu pane no motor enquanto sobrevoava um precipício, caindo em espiral até chegar ao nada.

Na empresa à qual o mimeógrafo pertenceu antes de ser doado à escola, o setor de recursos humanos precisava repassar aos funcionários o comunicado de que haveria um corte salarial significativo no ordenado deles – em momentos de crise, era isso ou a demissão de alguns funcionários.

Não queriam anunciar a notícia verbalmente, pois os funcionários corriam o risco de perder alguns dentes se fizessem isso. Portanto, prepararam uma cartinha nada simpática e colocaram na máquina de xerocópias.

A copiadora, talvez tendo lido a carta e pressentido que ela também sofreria com aquilo, ficou tão estressada

que pifou, soltando uma fumaça malcheirosa pela ventoinha. Bateram de um lado, chutaram de outro, mas nada despertava a eletricossenhora desmaiada.

No momento da aflição, pegaram a caixa de carbono, transcreveram o recado e rodaram no mimeógrafo. Os empregados, ao receberem o comunicado, ficaram revoltados, é óbvio, mas o mimeógrafo estava satisfeito por ter feito um bom trabalho. Essa, no entanto, também não foi a primeira vez que ele se sentiu útil.

Há mais de sessenta anos, quando ainda era um bebemiógrafo, pois tinha acabado de sair da fábrica, o mimeógrafo foi direto para o escritório de um jornal, o mais conceituado veículo de comunicação da cidade. Foi sua primeira moradia, antes de ser despachado para a empresa e, posteriormente, para a escola.

Lá, ele se sentia o rei, pois, todos os dias, cumpria alguma função. Informes daqui, panfletos dali, sempre lhe cabia uma tarefa. Até que um dia o jornal resolveu investir seu lucro montando uma gráfica.

A aparelhagem era totalmente sofisticada para a época. O que o mimeógrafo levava horas para fazer, as novas máquinas triplicavam em questão de segundos. Com isso, o mimeógrafo foi ficando para escanteio.

– Que será de mim? Este provavelmente será meu fim! – foi a primeira vez em que ele pensou em sua suposta extinção.

Do outro lado da sala, surgiu uma conversa:

– Toc. Toc, toc, toc. Toc, toc? (Que resmungos são esses?) – um aparelho de código Morse murmurou.

– É só o mi-mi-mi de um mimeógrafo mimado – um papibaquígrafo, cuja utilidade ninguém sabia ao certo, mas que tinha o dom de falar enrolado, respondeu.

O mimeógrafo até travou, sentindo-se envergonhado. Também se admirou, pois nunca havia visto um aparelho de código Morse e muito menos um papibaquígrafo. Para ser sincero, ele sempre esteve crente que papibaquígrafos não existissem de fato.

– Toc, toc, toc, toc. Toc. Toc, toc, toc. (Larga mão de ser bobo!) – o aparelho de código Morse repreendeu.

– Concordo, com corda e corcunda – o papibaquígrafo afirmou.

O mimeógrafo tentou justificar sua aflição, que com a modernização ele seria descartado, viraria um objeto sem sentido.

– Toc, toc. Toc, toc, toc. Toc, toc-toc, toc. (Tu só te tornas inútil se pensares como um inútil.)

Dito isso, houve um blecaute repentino em toda a região. Um acontecimento tão grandioso que precisava sair na primeira página do jornal do dia seguinte. Porém, com a falta de energia, as máquinas da gráfica não funcionariam.

Desesperados, os jornalistas datilografaram a notícia em uma máquina de escrever e, em seguida, o mimeógrafo entrou em ação.

Quase sete séculos depois de sua primeira grande façanha, o mimeógrafo continuava inteiro, sempre salvando o dia das pessoas. Em plena década de 10 do século 21, ainda davam a oportunidade de ele se sentir útil.

No caso em questão, havia diversas maneiras para a professora transmitir as informações aos alunos: poderia enviar os exercícios para o e-mail de cada um, ou disponibilizá-los em seu blog da internet, ou passá-los via Bluetooth aos celulares. Ideias não lhe faltavam e, mesmo assim, sentiu vontade de usar o mimeógrafo em sua aula.

O aluno que havia sugerido o envio do mimeógrafo ao museu ainda estava em pé, esperando um parecer da professora.

– Os métodos de copiar que existem hoje – ela dizia – são rápidos e eficazes, porém não exigem emoção. Os papéis saem em grandes tiragens e ninguém se atenta ao processo. Com o mimeógrafo, há sentimento.

As crianças ficaram em silêncio para ouvir. O mimeógrafo também se silenciou. Inspirada pela magia das pequenas coisas, a professora continuou:

– A máquina de escrever, ao estalar suas teclas no estêncil, está lhe cumprimentando pela sua afetuosa visita; o estêncil, ao se prender no mimeógrafo, está abraçando seu

companheiro mais fiel; o mimeógrafo, quando pressiona as folhas sulfites, está beijando cada uma de suas filhas, suas criações. Ao final de tudo, ainda fica o cheiro do álcool que, na verdade, é o aroma dessa linda cena de amor.

O aluno sorriu, mostrando uma surpreendente compaixão. Sentou-se e, curiosamente, tirou de dentro da mochila um caderno de caligrafia. Naquele dia, ele fez sua lição ali, ao som de uma imaginária vitrola de discos de vinil.

Saindo do meio da bugiganga

O crepúsculo chegava acompanhado de uma assobiante ventania e eu, à beira da estrada, esperava pela van que me levaria à universidade. Envolvido em um abraço individual de urso para tentar me manter aquecido, ouvi o chamado que atravessou todas as brisas que transitavam por ali.

– Jotapêêêê!

Ignorei, pensando se tratar apenas de uma alma penada que o vento estava arrastando ou outra coisa semelhante. A voz, porém, insistiu e eu virei o pescoço em cento e oitenta graus; a flexibilidade evitou o torcicolo. Com a sensação de estar mais perdido que coruja piando ao meio-dia, olhei curiosamente para a pessoa que chamara meu nome.

Atrás de mim, havia uma esquina que fazia o cruzamento entre a rodovia e o outro bairro. Na esquina, havia um ônibus parado no engarrafamento. No ônibus, havia uma garota com metade do corpo para fora da janela. Na garota, um sorriso radiante em minha direção e o cabelo louro sendo levado pelo vento.

A van chegou e estacionou. Antes de entrar, balancei a mão, dando um tchauzinho para a garota, mas não lembrei quem era ela, embora soubesse que já a havia visto em algum

lugar. Era loura, era linda, era louca. Só precisava provar que era legal e então se tornaria uma adolescente 4L.

Na van, a tração nas quatro rodas; na minha mente, a atração das quatro características. Apenas uma pessoa, em toda a minha vida, recebera de mim o título de 4L: a personagem principal do meu romance juvenil, No Meio da Bugiganga. Sorri, pois aparentemente havia achado a atriz para viver a tal personagem caso um dia meu romance ganhasse uma adaptação para o cinema ou para o teatro.

Pelo vidro do para-brisas, continuei olhando para o ônibus. A garota voltou-se para dentro e se infiltrou na meia centena de passageiros, fazendo com que eu a perdesse de vista. A van partiu, o ônibus ficou lá.

Após quatro horas ouvindo o professor falar sobre romance – narrativa longa, com vários personagens e uma trama que se desenrola de diversos pontos -, voltei para casa.

Já havia anoitecido completamente, era quase meia-noite, quando me envolvi na escuridão do quarto e, cansado que só, me deitei. Para minha surpresa, representada por um grito ultrassônico, havia outra pessoa deitada na minha cama.

No impulso, acendi a luz mesmo sem saber onde apertava, isto é, se é que a lâmpada não se acendeu sozinha com tamanho berro. Abraçada ao travesseiro, a garota me olhava, transportando até este ponto, o sorriso luminoso da hora em que a vi no ônibus.

Não estava imaginando coisas nem sonhando; sequer tivera tempo de dormir para isso. A garota era legitimamente a personagem principal de *No Meio da Bugiganga*, a minha criação mais superestimada.

– Dri? – a frase mais extensa que consegui falar não passou de um monossílabo.

– E tem outra personagem sua com capacidade de sair do livro, tomar um ônibus e esperar por você na sua cama? – respondeu irônica como sempre. – Com exceção de mim, as personagens principais que você cria são como massinhas de modelar, que só servem para serem manipuladas. Bando de toupeiras cegas e gordas!

Se não admitia que as pessoas reais ferissem os sentimentos das minhas personagens, jamais deixaria uma personagem falar mal de outra. Pedi explicações e ela não poupou verdades.

– O Eduardo, que foi seu primeiro, de *Como um Peixe Fora D'água*, é uma pamonha fria e insossa, muito bonzinho, calminho e sem ousadia. Já a Olívia, que você inventou de inventar depois de mim, para protagonizar *Beijos de Chocolate Branco*, pode até ser engraçadinha, mas não tem o charme e a autenticidade que eu tenho.

– Quer dizer que, de todas as minhas personagens, você se considera a melhor?

– Posso até não ser a melhor. Assumo que suas personagens secundárias são mais carismáticas. As dos

contos, então, nem se diga! Mas, obviamente, sou a mais esperta, uma raposa entre as pombas, uma Emília de Lobato! Quantas, além de mim, já conseguiram se materializar? Garanto que sou a primeira.

Isso eu não podia negar. Certamente, de tudo o que já criei – e entram nessa lista: humanos, animais, objetos, territórios e até sentimentos – a Adriana era a personagem com mais atitude e alto-astral. Enquanto todas as outras eram iniciantes no joquempô, ela era pedra, papel e tesoura simultaneamente.

– Que mal lhe pergunte... Como você fez para sair do livro e vir para a realidade?

– Você me cria, inventa tudo o que está ao meu redor e não consegue imaginar como vim parar aqui? Aff... E ainda se diz escritor. Já se esqueceu que tenho um perfume mágico? Pedi para vir e aqui estou!

Eu devia imaginar que aquilo era mais uma artimanha do líquido de condão. Porque em No Meio da Bugiganga é assim: ela compra um perfume em uma lojinha de R\$1,99 e apenas depois descobre que o que tem em mãos é, na verdade, uma poção mágica capaz de realizar qualquer desejo.

Costumo dizer, na sinopse, que “Adriana pode não ser uma bruxinha famosa com uma cicatriz na testa ou a namorada tímida de um vampiro simpático. Ela não escreve em blogs nem tem o dom de transformar em realidade tudo

o que põe no papel. A única coisa que a difere das outras garotas é seu mágico perfume de flor de lótus.”

– Oh, que orgulho! Quero lhe dar um abraço.

– Abraço é o escambau! Eu estou brava, muito brava com você.

Quando lhe perguntei o motivo do mau-humor, ela desenrolou a língua.

– Primeiro, você me faz viver certas situações, depois muda de ideia, me faz acostumar com novas, modifica novamente, escreve, reescreve e leva mais de um ano e meio para definir que fim terei. Então, você me promete uma vida cheia de fama e glamour, que minha história será um best-seller, que se tornará série de tevê, que será feito um roteiro e a filmarão em Hollywood... E agora fica aí, de braços cruzados, sem nem correr atrás de uma editora.

Adriana não é relógio antigo, mas basta dar corda que ela não para mais.

– Entenda que publicar um livro não é coisa fácil. É muito dinheiro gasto com papel e tinta para receber uma recusa da editora, e pior, não por causa da história, mas por causa do custo financeiro.

– Está querendo dizer que meus relatos não dão lucro? Aliás, você tem se preocupado com isso agora? Que eu me lembre, quando o Edu nasceu na sua imaginação,

you made the story of him circulating on the internet, where hundreds of people had access to *Como um Peixe Fora D'água*, and didn't gain absolutely anything from it, not being criticized and praised. Until then, it was what I cared about, or at least it seemed that way.

She was telling the truth. I feel that when I wrote my first book, I was more humble and I was more content with recognition than with remuneration. In a few – in truth, not so few – words, Adriana made me realize that, even without wanting to, I was transforming my hobby into work, something I was afraid of when I started writing. I always thought that “leisure is leisure and work is work” and that I shouldn't mix things. Ready to give up, I tell you of a curiosity I can't explain until now.

– Ei, espere um pouco! Como é que você sabe de tudo isso do Edu, se você nem estava entre as minhas ideias quando *Como um Peixe Fora*

D'água foi escrito?

– Não sei se você sabe, mas sua imaginação é uma verdadeira zona, com pensamentos saltitando de um lado, concentração se contorcendo do outro e a criatividade pisando e esfregando o pé em cima de tudo isso. Sua mente é um verdadeiro cortiço e, como você deve saber, fofoca é o que mais rola em ambientes assim. Por falar nisso, não é querendo entregar ninguém, mas... Sabe aquela barata norte-

-americana que apertou um controle-remoto universal, fez as Américas trocarem de posição, acabou caindo no Brasil e você prometeu que escreveria uma história sobre ela? Então, ela estava se perguntando se esse livro sai ou não sai.

– Bom, diga para ela que... Ora! Não diga nada. Eu não tenho obrigação nenhuma de dar satisfação às minhas personagens. Escrevo o que quero e quando quero. Enquanto isso, ela e toda sua turma podem continuar hospedados na maciez do meu cérebro.

Retomando o assunto principal, reconheci que estava sendo arrogante demais e que, como pedido de desculpas, iria revisar No Meio da Bugiganga, ajudar a Adriana a organizar melhor seu diário e, mesmo que demorasse em encontrar uma editora, o faria circular pela internet, como fiz com meu primeiro romance.

– O.k., está perdoado! Mas, como castigo pela falta de consideração até agora, além de criar um conto novo sobre mim, para que eu fique conhecida até entre aqueles que não leram o romance, você entrará no livro e sentirá no verbo como é ser a personagem de sua própria história.

O perfume foi borrifado logo após essas palavras e poluiu o lugar com o aroma de flor de lótus. Nem preciso comentar que o desejo se concretizou.

A cor dos meus olhos

Prestes a fazer dezoito anos, dei início à coleta de documentos necessários para tirar a carteira de motorista. Tive que atualizar minha identidade, solicitando a segunda via do RG. A primeira, tirei quando era criança – estava loiro na foto e não tinha um nariz arrebatador.

O primeiro passo se resumia em ir a um despachante e preencher o formulário de requerimento. Fui. Ou melhor, fomos: eu, meu pai à esquerda, minha mãe à direita e minha irmã mais velha atrás. Sem fila, me dirigi ao balcão e coloquei a certidão de nascimento na frente da mocinha.

No computador, ela transcrevia todas as informações sobre mim. Não encontrando uma que era exigida, perguntou:

– Qual a cor dos seus olhos?

– Castanhos.

Respondi tranquilamente, sem esperar os comentários nervosos que viriam a seguir.

– Está louco? Seus olhos são marrons.

– Nem castanhos nem marrons. Seus olhos são cor de mel.

– Falando em cor e em olhos, vocês só podem estar daltônicos. É óbvio que seus olhos são nogueirados.

Fiquei mudo, olhando estático para a mocinha.

– Não precisa arregalar os olhos que eu não posso opinar. Mas, se eu pudesse, concordaria com seu pai. Eles parecem marrons.

Minha irmã se revoltou com o comentário e, puxando-me pelo braço, me arrastou para fora do estabelecimento e parou um casal que passava pela rua. Pediu para que eles dessem opinião sobre a cor.

– São castanhos!

– Lógico que não! Eles são nogueirados.

– Pois, agora que você está falando, eles parecem realmente nogueirados.

Até aquele dia, eu sequer tinha ouvido alguém dizer que fulano ou beltrano tinha os olhos nogueirados. O adjetivo foi uma novidade para mim. Já que a cor dos meus olhos era tão indefinida, talvez devessem ser dessa cor rara mesmo.

Voltei decidido que meus olhos eram nogueirados. No entanto, antes que eu pudesse assumir a nogueirês de meus olhos, uma estagiária que estava digitalizando uma pilha de papéis, me flertou:

– Você é tão bonitinho com esses seus olhos cor de mel.

Castanhos, marrons, nogueirados e cor de mel. Parecia proposital essa discórdia, apenas para que eu não

pudesse tirar novos documentos e, conseqüentemente, não pudesse ficar apto para dirigir. Talvez me considerassem um terror no volante antes mesmo de eu me sentar na frente de um.

– Por que você não faz uma enquete?

Inicialmente, pensei que a balconista estivesse sendo irônica, mas vi que a ideia era séria e podia dar certo. Aproveitei todos os meus perfis em sites de relacionamento.

Não deu muito certo porque a maioria optou pela alternativa Outros. Tive que contratar o IBOPE e o Datafolha para realizarem pesquisas que determinassem a cor, de fato. Os resultados, todavia, foram distintos. O de um instituto acusou marrom, enquanto o do outro registrou cor de mel.

Já estava entrando em desespero e a certeza da dúvida sobre a minha cor ocular começou a se expandir. Entraram em contato comigo. Era da Justiça Eleitoral, oferecendo urnas eletrônicas para que eu pudesse fazer uma votação clara e aberta a todos os públicos.

O domingo seguinte virou feriado. O país se uniu com o dever de votar e eleger a verdadeira cor dos meus olhos. Muita gente não fazia ideia de quem eu era, mesmo assim foi obrigado a ir às urnas e escolher uma opção.

No fim do dia, saiu o resultado. No dia seguinte, logo pela manhã, voltei ao despachante. A mocinha estava

lá, pronta para terminar de preencher o formulário. Ela repetiu a pergunta:

– Cor dos olhos?

E eu, cheio de mim e ciente da verdade própria, respondi em alto e em bom som:

– Castanhos.

– Castanho claro ou escuro?

No livro de geografia

O país de Verlúbola é o único habitado do continente antártico. Também é o único, mundialmente falando, com somente cinco habitantes e onde o sol só nasce à noite. Com uma gramática impecável, os verlubolanos são falantes de Faúzi, um idioma muito próximo do português – apenas alguns verbos a menos e novos pronomes para designar a segunda pessoa: vó, para o singular, e tus, para o plural. Abençoado pelo Deus Polar, Verlúbola teve todos os seus ursos mandados para o Norte. Bem, pelo menos isso é o que meu livro de geografia dizia.

Estive lá neste fim de semana. Um médico, um fazendeiro, um padre, um mestre cuca e uma fazedora de doces compunham a população do país, de somente 750 metros quadrados divididos em duas ruas e um único bairro. Não havia governantes nem leis, mas viviam em perfeita harmonia.

Foi só descer do avião e colocar os pés no território verlubolano que me transformei em um ponto turístico para os nativos. Ao invés de eu descobrir coisas novas sobre o país, era o país que me descobria. “Cuidado!”, lembrei da citação final do livro de geografia, “Os verlubolanos são tidos como loucos.”

Fui recebido pelo fazendeiro. Ele se aproximou, fincou a inchada do meu lado – eles não usavam enxada, e

sim um aparelho similar que era bem mais avolumado -, deu três voltas ao meu redor me olhando de baixo a cima, fungou duas vezes e sorriu uma única. Interpretei os dentes cariados como uma placa de boas-vindas.

Muito atencioso, ele me convidou para conhecer a sua horta. “Vir ver casa de plantas” foram as palavras por ele utilizadas. Não precisei dar muitos passos, já que o aeroporto de Verlúbola é, na verdade, o celeiro adaptado. No pequeno pomar, as plaquinhas indicando o nome dos vegetais: mato-doce (alface), cura-dor-de-estômago (couve), arranca-lágrimas (cebola), vaia-sólida (tomate)... Aceitei uma preferida-de-coelho que ele me ofereceu e, comendo a cenoura ainda crua, dei continuidade à minha excursão.

A Igreja São Diótica foi minha parada seguinte. Era um prédio grande por fora, mas quando entrei, vi que faltava espaço, notei que tudo não passava de um truque de ilusão de ótica e compreendi instantaneamente o porquê do padroeiro. Andei em direção ao altar e, num súbito, o padre apareceu.

Juntei as mãos, num pedido de bênção. Ele demonstrou ter achado aquilo um tanto incomum, mesmo assim entendeu minha intenção. Foi até a sacristia, voltou com um cálice de água benta e, com quatro dedos da mão direita – havia um curativo no polegar, o que o impedia de ser mergulhado – salpicou um pouco de água dos meus joelhos para baixo.

Saí da igreja e segui meu rumo. Como senti um princípio de fome, aquela sensação formigante de que o estômago precisa de algo sólido, atravessei a rua e entrei no restaurante. O cardápio, elaborado pelo próprio mestre cuca, trazia as sobremesas no início e as entradas no fim. Consentii que na cultura verlubolana as coisas são comidas de trás para frente.

Fiz meu pedido: “arroz”. O mestre cuca me corrigiu: “zorra”. Certifiquei que na cultura verlubolana as coisas são comidas (e pedidas) de trás pra frente. Também pedi um pedaço de midup e um copo de etnaregirfer. Pensei em pedir algum tipo de mistura também, mas picanha vegetariana e legumes bovinos não me pareceram uma boa opção.

Rapidamente, a fazedora de doces veio com um belo pedaço de pudim. Chamava-se Troia e era uma mulher analfabeta e diabética. Soube disso numa simples batida de olho em seu crachá, que dizia: “Troia. Analfabeta. Diabética.” Fiquei com um pouco de pena da senhora: não poder ingerir açúcar e ter de fazer doces. Dei uma garfada no pudim e logo entendi: os doces em Verlúbola eram salgados.

Terminei meu almoço (ou será que eles chamavam aquela refeição de janta?) e quis conhecer o quinto habitante de Verlúbola, o médico. O consultório era longe, na rua de trás, e quase fui atropelado por um veículo quando atravessei a rua sem olhar; não imaginava que alguém ali

teria automóvel. O fazendeiro passava com sua carroça, fazia um delivery de frutas e verduras para o doutor. Peguei carona.

Chegando ao nosso destino, saltei da carroça e fechei o punho para bater na porta. O fazendeiro bateu em minha mão com a inchada, machucando meu polegar – suponho que tenha feito o mesmo com o padre. “Não! Doutor descansar.” E entrou sem bater, na ponta dos pés. Segui atrás, também de fininho, e fui surpreendido com um atchim.

Atrevi a olhar a origem do espirro e me deparei com um homem já decrépito, exalando os últimos suspiros. Em Verlúbola, eram os pacientes que cuidavam do médico.

Voltei com o fazendeiro, que se ofereceu para me levar ao aeroporto. “Vor ver” foram as palavras utilizadas por ele. Subi no avião e, em homenagem ao país que acabara de conhecer, não o pilotei, deixei que ele me pilotasse.

Eu me senti Alice, no país das maravilhas. Sabia que eu não era o louco, mas respeitei, concordando que os verlubolanos também não o eram. O único louco em questão era o livro de geografia. Fato.

Vera Verona

No parapeito da sacada de seu quarto, Julieta se debruçava, ignorando a suposta briga entre cravos e rosas abaixo de si, e olhava esperançosamente para o estrelado céu de Verona. Diferente de muitos italianos, ela não enxergava a Lua como um pedaço de queijo bom para ser ralado, mas via a figura de uma amiga fiel, uma que não franzia o cenho ou torcia o nariz ao ouvir seus desabafos.

Julieta não se importava por chamarem-na de louca, por dizerem que ela tinha síndrome de Peter Pan ou por insinuarem que ela era apenas uma adolescente alienada. Todas as noites, Julieta conversava poeticamente com a Lua – o brilho lunar dava-lhe inspiração para utilizar belas palavras em pleno século 21.

– Oh, joia única e prateada, companheira que ilumina os corações enamorados, faz-me ser compreendida e escutada por aquele que nem nota minha presença ao seu lado. Atende meu pedido desesperado!

Embora soubesse que a Lua não tinha varinha de condão, nem havia saído de uma lâmpada mágica, os olhos grandes e redondos de Julieta mostravam que ela realmente acreditava que seus sonhos seriam realizados, que seu amor seria correspondido. Abraçada aos sentimentos, teve uma boa noite de sono.

Pela manhã, os raios de sol foram inconvenientes e entraram sem bater, despertando a donzela e fazendo-a levantar preguiçosamente de sua aconchegante cama de casal.

Mesmo que financeiramente bem-aventurada, Julieta não se rendia ao luxo. Sempre recusava o Alfa Romeo com o motorista particular fantasiado de pinguim. Fones no ouvido, ela preferia ir para a escola desfilando de bicicleta pelas ruas de Verona. Dançando (mentalmente) ao som de Sonohra, Laura Pausini e outras vozes melosas que conquistam adolescentes apaixonados, precisou de poucas pedaladas para chegar ao colégio.

O vaivém de alunos fez com que Julieta se sentisse numa estação de metrô; ainda assim, isso não lhe tirou completamente a concentração. Embarcou rumo à aula de literatura; a apresentação de um seminário a esperava.

Tomou assento, mas não disse um *ciao* sequer aos colegas. Estava agitada demais para isso. Sua arma para amenizar a ansiedade era encarar suavemente a carteira do lado. ROMEU: Rapaz com os Olhos Mais Esplêndidos do Universo.

– Juliete – ela odiava quando a chamavam assim. Talvez por isso gostasse tanto dele. – Juliete, se quiser, eu posso ajudá-la com o portfólio.

Ele havia interpretado a forma de olhar de Julieta como uma forma desesperada de pedir auxílio a alguém.

Gentil, foi à frente com ela. Bastante prestativo, entregava-lhe o material da pasta conforme ela pedia. Ela, um bocado nervosa, expunha maravilhas sobre Dante Alighieri e suas obras. Ele ficava ao seu lado, escutando-a com total atenção e compreendendo cada palavra.

No Inferno de Dante, Julieta percebeu que o que acontecia era, de certo modo, exatamente o que ela havia pedido à Lua na noite anterior. Poderia ser coincidência, se bem que ela não acreditava em coincidências – se coincidências existissem, deveria estar rindo, e não inteiramente melancólica, enquanto falava sobre a Divina Comédia.

Debulhou-se em lágrimas durante toda a tarde. Ao anoitecer, ainda se sentindo altamente lúgubre, saiu na sacada, o rosto encharcado, e decidiu falar novamente com a camarada-satélite.

– Oh, pompa redondamente brilhante, amiga celeste de cintilação pública, aquece o coração do meu semelhante, deixa-me ouvir a voz que tomará conta de minha república. Acolhe a minha súplica!

A Lua nada respondeu. Não fez sinal de positivo, consentindo, nem balançou a cabeça para os lados, rejeitando. Julieta focalizou os 50% de chance de a Lua ter concordado em ajudá-la e foi dormir esperançosa, como da primeira vez.

Algumas horas depois, o amanhecer acordava a jovem. Como uma princesa de conto de fadas, não tinha quaisquer remelas no olho, nem mau-hálito. Tinha, todavia, uma disposição incrível para mais um dia de aula.

Bastou pôr o primeiro pé no abrigo de animais, também conhecido como colégio, que avistou o, na sua concepção, gatinho mais fofo.

Ele tomava leite batido com sorvete – uma curiosa guloseima da moda, que chamavam de milkshakespeare ou coisa do tipo – quando veio correndo na direção de Julieta, completamente distraído.

Julieta abolia a moda. Não era uma máquina de xerocópia para vestir, comer ou fazer tudo o que a maioria fazia. Por isso, não chamava a Lua de miguxa, nem usava a franja tapando o olho direito, além de preferir mil vezes pitote a chapinha. Com o (quase) sorvete, no entanto, foi diferente. Ela não reclamou nem quando o copo entornou e a melecou completamente.

O amor que Julieta sentia, mesmo que platônico, tinha um grande efeito dentro de si: parecia forte e verdadeiro. Ela amava tanto o italianinho desastrado. Amava-o a ponto de ser capaz de tatuar a cara dele na axila (desde que ele tatuasse a axila dela na cara).

A trombada fez com que mais um desejo dela fosse concretizado: sentindo-se sem graça, ele falou com ela a manhã inteira. Nenhuma das frases foi *Ti voglio tanto bene*.

Nem o simplório *Bella ragazza!*, que era o mínimo que ela esperava ouvir. Em compensação, ele dizia *scusa* três vezes – *Scusa! Scusa! Scusa!* – a todo o momento em que estavam próximos.

Julieta queria reagir deixando o olho em carne viva, como no dia anterior, mas sabia que a situação era reparável, bastava que falasse novamente com a Lua. Evitou o pranto, mas não sorriu. Para mostrar os dentes depois dessa decepção, só indo ao dentista.

Vibrante e cheia de vida, um ar de alegria no rosto, apareceu na sacada ao mesmo tempo em que a Lua apareceu no céu.

– Oh, princesa perolada da noite fria, garota romântica que nos induz a amar, amanhã será um dia perfeito para que os lábios alheios eu possa com os meus tocar. Sê a madrinha que me une ao meu formidável par!

Ni fu ni fa. A Lua não cheirou nem fedeu, permaneceu a mesma. Após ter realizado dois desejos, porém, Julieta tinha a certeza de que não ficaria na mão. Por isso, finalmente deu uma gargalhada.

Os noctívagos veronenses que a viam diariamente não sabiam definir as emoções de Julieta. Ora estava chorosa e carregava um brilho de tristeza no olhar; ora estava feliz e sorria sem motivo. Sabiam apenas que ela era uma menina de lua.

O dia seguinte chegou da mesma forma que os demais. E da mesma forma, Julieta precisava ir à escola.

O chofer da família insistiu, oferecendo-se para levá-la. Ela incorporou sua tia fazedora de vinhos e bateu o pé, como se estivesse esmagando uvas, para ir de bicicleta. Ninguém foi capaz de deter a adolescente.

Fones no ouvido, começou a pedalar. Cruzava a ponte de um dos braços do rio Adige quando a pilha de seu *discman* acabou – um MP3 player era muito da moda. Sem parar de pedalar, resolveu verificar o aparelho.

Uma distração, um gato pulando na frente e o instinto de desviar do animal. *Addio* equilíbrio! Julieta mais a bicicleta foram parar no rio.

O impacto da queda lhe gerou a ilusão de que havia peixes nadando sobre sua cabeça. Sem saber nadar, nem respirar debaixo da água, desfaleceu.

Abriu os olhos somente após alguns minutos e sentiu, em sua boca, lábios que não eram dela. O garoto que lhe proporcionava devaneios, conscientes e inconscientes, estava molhado de cima a baixo e lhe fazia respiração boca a boca.

Notando o delicado despertar de Julieta, ele se afastou. Ela respirou fundo e deu algumas tossidas para eliminar de vez a água que regava o solo fértil de seus pulmões. Em seguida, olhou para aquele que, mesmo sem ter um diploma de super-herói, havia salvado sua vida.

– Legal de sua parte ter salvado uma amiga – ainda desnorteada, não sabia direito o que dizer; mesmo assim, sentiu certa frustração ao pronunciar a palavra “amiga”.

– A verdade é... – A verdade estava prestes a ser revelada: ele, há algum tempo, já considerava Julieta muito mais do que uma amiga; no entanto, nunca havia encontrado a oportunidade certa para contar o que sentia. Aquele afogamento, ou melhor, aquele salvamento proporcionou o momento ideal para um... – *Io ti amo, Giuletta.*

Um friozinho na barriga foi o que Julieta sentiu. Certamente provindo mais da camiseta molhada do que da emoção.

A respiração boca a boca teve uma continuidade desnecessária. Julieta, inesperadamente, interrompeu o ato e voltou a trotos para casa. Lá, esperaria a noite chegar para fazer um novo pedido à Lua: que a família dela não fosse inimiga da família dele. Ela era jovem demais para morrer de amor.

Ao abacateiro do vizinho

Debaixo das Cobertas, 39 de Febre de um dia em que adoeci.

Desprezado Abacateiro:

Hoje você é um alto e encorpado abacateiro, sempre dando muitos abacates. Ainda bem, porque abacateiro que dá mexerica é de se desconfiar. Mas um dia você já foi caroço e é do caroço que brotou minha abacatofobia, ou simplesmente, meu medo de abacates.

Tudo começou quando conheci seu pai, no antigo sítio onde eu morava. Na época, as outras garotas e eu batizávamos as árvores e transformávamos as folhas em notas de Cruzeiro. (Quando alguém perguntava: pensa que dinheiro nasce em árvore?, o sim era imediato.) Seu pai, o abacateiro, se chamava Tarcísio Meira e era meu esposo.

Casei-me com Tarcísio Meira aos 8 anos e nos divorciamos quando completei 9. Meus pais migrariam para a área urbana e eu, a andorinha menor, precisava ir junto. A hora da despedida se resumiu em dois atos: 1-) o tapinha que lhe dei no casco; 2-) o abacate que ele me derrubou na cabeça.

Dando as costas ao seu pai, meu ex-marido, carreguei no colo o abacate, fruto do nosso estranho amor.

Ao chegar à nova casa, ele foi para o quarto apropriado: a fruteira.

Talvez triste, talvez incompreendido, talvez assumindo o talvez como resposta para todas as suas incertezas, o abacate começou a apodrecer após a primeira semana. Constatamos a tentativa de abacatocídio e, para evitar sua fútil morte, encontrei uma forma de torná-lo útil.

Acredite: amassá-lo para colocar na fraldinha da boneca era o faz-de-conta mais verossímil que eu já tinha inventado. Aproveitei toda a polpa e joguei o caroço em um canto – o da pia. Ele ficou lá, parado, redondo, na superfície molhada, com cara de vítima.

Naquela madrugada, malquerido, meu estômago acordou roncando e me assustou com o barulho. Percebi que o melhor a fazer era engolir alguma forma de calá-lo. Descalça e com espírito de gazela, saltitei levemente na ponta dos pés até a cozinha.

Lá, eu o vi. Parado, redondo, na superfície molhada, mas com cara de personagem de filme de terror. Durante as primeiras horas da noite, ele havia sofrido uma mutação e, portanto, tinha pernas e braços... Ou patas... Ou, simplesmente, raízes! Só que não eram raízes belas, sabe? Eram galhos finos e tortos, horrorosos, que apontavam em minha direção, como se quisessem me segurar e fazer comigo o que fiz com sua polpa.

No limite do medo, acendi a luz. A cozinha ficou clara. Os objetos ficaram claros. Clara também ficou a certeza de que o caroço estava adquirindo vida e vontade própria e, graças a uma fotossíntese artificial, tomava forças para rolar até minha direção. Ignorei a situação e coloquei uma embalagem de pipoca no micro-ondas.

Você nem imagina como eu me abraçava, aflita, esperando a pipoca terminar de rebentar. (Aos nove anos, tinha mais dotes culinários que certas mulheres que se dizem donas-de-casa: eu já sabia ferver leite, cozinhar ovo, preparar macarrão instantâneo, aquecer comida congelada e colocar pipoca para estourar.)

Quando notei, o caroço já não estava mais na pia. Olhei para o chão e ali estava ele, pronto para uma vingança cruel e abacatídica. Com o medo ilimitado, senti as raízes agarrando meus pés. Tentei correr mesmo assim e um barulho quinze vezes maior que o de uma pipoca estourando ecoou pelos cômodos da casa, chamando a atenção dos meus pais.

Um tombo.

Abri os olhos, a vista meio embaçada logo começou a clarear. Aos poucos, consegui enxergar a metade direita da geladeira cor de gelo, um pedaço da mesa de mármore albino e alguns botões do forno elétrico também branco. A visão focalizou o canto da parede, onde terminava a parte

de azulejos brancos e iniciava o teto de gesso, e a porta cor de neve.

Minha mãe, torcendo o pano da camisola e também torcendo para que não tivesse acontecido nada de grave comigo, perguntou por que eu estava mais branca do que qualquer outra coisa naquela cozinha.

Respondi com a voz de uma galinha que presente que será assada, gaguejando, e meus pais olharam ao mesmo tempo para a pia. Viram o caroço lá, parado, redondo, na superfície molhada, com cara de que não sabia de nada.

Nem conto o que aconteceu depois... A voz grossa do meu pai serviu para fazer piadinha de mim, afirmando que a única pessoa que estava tentando me matar era eu mesma, com a ideia de comer pipoca àquela hora.

Desde esse episódio, sustento certos traumas: não tomo mais vitamina de abacate, não experimento guacamoles, não uso roupas verde-abacates, não troco fraldas, não assisto novela das oito, não gosto de cédulas de dinheiro que parecem folhas secas e, principalmente, ainda grito quando penso que há um caroço de abacate entrando no meu quarto.

Sim, aquele caroço entrava! Como se já não bastasse a cena da cozinha, ele decidiu me perseguir. Foi somente depois de três ou quatro gritos escandalosos que meu pai resolveu pegar o infeliz e arremessá-lo bem longe para que eu me sentisse mais segura. Só que ele voou sobre o muro

do vizinho e, depois de uns quinze anos, surgiu você, para quem não me atrevo a olhar nas vezes em que saio no quintal para evitar maiores problemas para mim.

Agora, por exemplo, estou doente, me sentindo muito mal e a culpa de tudo isso não podia ser de mais ninguém, senão de um abacate. Ontem, decidi lutar conta o pânico devorando uma fruta inteira e, na empolgação, engoli casca, caroço e até a folha que estava presa no talinho. O resultado foi uma cruelíssima intoxicação alimentar.

Pode me chamar de louca por estar escrevendo para você, uma árvore, com uma caneta esferográfica verde e tamanha dor de estômago, mas desabafar na escrita é a melhor forma de enfrentar desafios. Que fique anotado nas suas raízes: um dia ainda terei a coragem de ficar cara a caule com você.

Com muito medo,

Dra. Fátima, psicanalista.

Meu louro preferido

Duas cadeiras: eu em uma, ele na outra. As prateleiras, com livros, representam a biblioteca.

EU: Você anda.

MAURO: Sim.

EU: Você fala.

MAURO: Sim.

EU: Você enxerga.

MAURO: Sim.

EU: Você ouve.

MAURO: Sim.

EU: Mesmo assim diz que tem uma deficiência.

MAURO: Sim.

EU: É bom em matemática.

MAURO: Sim.

EU: É ágil nos esportes.

MAURO: Sim.

EU: Pensa rápido.

MAURO: Sim.

EU: E mesmo assim insiste que é deficiente.

MAURO: Sim.

EU: Você, por acaso, não tem a Síndrome do Sim, tem?

MAURO: Não, com certeza, não.

EU: Então eu não entendo.

MAURO: Melhor eu escrever.

EU: Pode falar, não precisa ter medo.

MAURO: Ainda acho melhor eu escrever.

Ele pega o caderno e o lápis. Escreve em letras bastão: EU TOCRO AS LERTAS.

MAURO: Tenho a deficiência da palavra.

EU: Na verdade, isso se chama dislexia.

MAURO: Nome bobo, porque quem tem nem consegue pronunciar.

EU: Pronunciar.

MAURO: É! Isso. Tá vendo só como tocro tudo até na hora de falar.

EU: Troco. E entendo como é. Sou um mero estagiário nesta escola, mas, se precisar de mim, ajudarei no que for possível.

MAURO: Obrigado, mas já tenho um grande amigo que faz isso por mim. Antes de eu conhecê-lo, era bem pior. Eu tocrava... Quer dizer, trocava as letras mesmo ficando

calado. Meu pensamento era uma bagunça até ele me ajudar a organizar tudo.

EU: Sério? Quem é esse amigo?

MAURO: O nome dele é Douglas. Mas eu o chamo de Doug.

EU: Não o conheço.

MAURO: Ele não estuda mais aqui. Foi transferido para uma escola mais preparada. Sabe como é, né? Nesta tem muita escada, sem nenhuma rampa. Fica difícil para quem precisa de uma cadeira de rodas.

EU: Ah, então quer dizer que ele é portador de necessidades especiais.

MAURO: Portador de necessidades especiais – é assim que o chamam. Engraçado que recebo nomes desde que nasci: bebê, menino, guri, garoto, mocinho, rapaz... Mas ele, embora também seja do sexo masculino, é chamado diferente. Primeiro, era paralítico; depois, paraplégico; então, cadeirante; daí, deficiente físico; agora, portador de necessidades especiais. Puxa, eu nunca precisei tratá-lo por nenhuma dessas nomenclaturas e sempre nos demos bem.

A fala foi longa e expressa revolta.

EU: Desculpe, é que temos manias de identificar pessoas “diferentes” pela palavra que define sua “diferença”.

MAURO: Sabe qual é a única diferença que eu vejo entre ele e nós? É que ele é louro. Nada mais.

Da maneira como Mauro engrossou, passou a impressão de que eu estava agindo com preconceito. Justo eu que sou simpatizante até de baratas, novelas mexicanas e bandas de pop espanhol – estas, sim, sofrem com o preconceito dos brasileiros.

MAURO: Ele fala, enxerga, ouve, é bom em matemática, ágil nos esportes, pensa rápido... Só não anda. Mesmo assim, fez com que eu desse passos à frente e me ajudou a enfrentar meu problema.

EU: Problema. Quer me contar como foi isso?

No momento, uma fumaça imaginária tomou conta das bordas do meu pensamento e o meio se transformou em uma tela para pintura, onde as cenas aconteciam.

Maurinho, como é conhecido pelos amigos desde que começou a ter amigos, era um exemplo de aluno-estrelinha no primeiro ano, principalmente nas aulas de matemática. A situação ficava difícil mesmo quando era aula de português. Maurinho tentava fixar a atenção nas palavras, mas as sílabas ficavam mudando de lugar.

As notas de Maurinho começaram a despencar como banana madura. Por mais que desse o melhor de si, parecia que a tinta azul da caneta da professora havia acabado e ela tinha que usar a vermelha no boletim. Mas a culpa não era dele, e sim daquelas palavras chatas que faziam

do seu livro um palco de balé e dançavam todas as coreografias possíveis. Só que ninguém entendia isso. Risos e comparações feias estiveram presentes na vida de Maurinho desde então.

Não mais do que de repente, a professora chega com a novidade em sala de aula: um novo aluno. Os olhares e comentários balbuciados rodaram a sala, bem como as rodas da cadeira de Doug quando ele entrou na classe.

PROFESSORA: Esse é o Douglas, o novo colega de vocês. Quero que vocês o tratem muito bem e mostrem que são bons amigos.

As crianças estavam perplexas, pois nunca haviam visto outra criança em uma cadeira de rodas. Os que menos se assustaram foram aqueles que estão acostumados a ver os avós em aparelhos do tipo; mesmo assim demonstraram surpresa. Queriam falar com Doug, mas não tinham coragem para isso, portanto deram início ao jogo do vai-você.

SANDRA: Você deveria falar com ele, Maurinho.

BRUNO: É mesmo, Maurinho, ele precisa de amigos.

KÁTIA: E vocês vão se entender, têm coisas em comum, garanto.

Quem saiu perdendo, na verdade, só teve a ganhar.

MAURO: Oi.

DOUGLAS: Oi. Qual é o seu nome?

MAURO: É Mauro, mas todos me chamam de Maurinho. O seu é Dlougas, né?

DOUGLAS: Douglas. Mas gosto mais de encurtar para Doug.

MAURO: Legal, Doug.

Silêncio. Sensação constrangedora de que o assunto chegou ao fim antes mesmo de começar. Doug puxa papo.

DOUGLAS: Eu sei o que você está pensando e é o que todo mundo pensa. Não sofri acidente, não; já nasci assim. Minha mãe descobriu que eu não ia andar quando eu ainda estava na barriga dela e mesmo assim ela me amou como se eu fosse normal.

MAURO: Na verdade, não estava pensando nisso. Queria é entender como é que se escreve o seu nome. É difícil e é a única coisa que não é normal em você. Não sei onde o L se encaixa.

O flashback deu uma pausa e a conversa voltou entre Mauro e eu.

MAURO: Ele era muito bom em português, ainda mais em leitura e interpretação. Ele adorava correr, pular e saltar... no livro. Assim, aumentou seu vocabulário.

EU: Vocabulário.

MAURO: Isso! E foi assim que ele me ajudou. Para começar, me indicou alguns livros ótimos para treinar a leitura e ficava no meu pé para que eu lesse, em voz alta, palavra por palavra, treina a pronúncia e a escrita, a pausa, a respiração. Custasse o tempo que custasse.

EU: Ele foi bem gentil com você, hein?!

MAURO: Tão gentil que teve uma vez, quando já tínhamos uns doze anos, que o livro era longo e eu tive que passar a tarde na casa dele. Foi a primeira vez que saí com ele fora da escola.

A cena muda o foco, novamente, para Maurinho e Doug. A cama e os livros espalhados pelo chão, onde ambos estão sentados sobre almofadas, compõem o cenário da minha imaginação.

MAURO: Então o etalanfe... O efalante... O elafante... O elefante desapareceu.

DOUGLAS: É isso aí, Maurinho! Tá vendo só como não é tão difícil? É só ter vontade!

MAURO: Graças a você que me dá forças. Agora, será que tem como fazer uma pausa. Acho que já vi muita letra por hoje.

DOUGLAS: Podemos, sim! Vou aproveitar para tomar um banho, então.

MAURO: Mas sua mãe saiu. Ela disse que ia ao mercado, que só ia voltar daqui a uma hora, e não tem mais ninguém aqui.

DOUGLAS: E daí?

MAURO: Tá bom. Você me ajudou com a leitura e eu ajudo você com o banho. Prometo que vou fechar os olhos, não precisa ter vergonha.

DOUGLAS: Como você é bobo! Não preciso de você para tomar banho.

MAURO: Não?! Você consegue tomar banho sozinho?

DOUGLAS: Não é tão difícil. É só ter força de vontade. Tomo banho sozinho desde os nove anos, quando meus pais adaptaram o banheiro.

MAURO: Tá bom, mas qualquer coisa você me chama. Basta gritar que vou correndo.

O foco retorna ao bate-papo entre Mauro e eu.

MAURO: Ele realmente me chamou, cinco minutos depois de ter entrado no chuveiro. Mas era só para pegar o xampu para ele que ele esqueceu em cima da pia.

EU: Nossa! Isso sim é uma história de superação. Como você, mesmo tendo um amigo como ele, considera sua dislexia uma deficiência?

MAURO: Não considero uma deficiência... deficiência. Apenas um obstáculo. Digo que sou deficiente porque as pessoas pensam assim. Se elas consideram o Doug um deficiente, então sou muito mais do que ele.

EU: Concordo com você. Deveríamos parar de pensar tanto no termo deficiência. Acredito que obstáculo seja realmente a melhor maneira de definir, afinal é algo que pode ser controlado.

Nossa conversa parece chegar ao fim, até que ele resolve iniciar mais um assunto.

MAURO: E seu maior obstáculo, qual é?

EU: O meu? Xi, tenho vários. Mas não sei qual é o mais grave.

MAURO: Você é escritor, não é?

EU: Tendo, pelo menos.

MAURO: Então seu obstáculo mais grave é algo relacionado a isso. Vejamos, você tem dificuldades em escrever contos?

EU: Não.

MAURO: Tem dificuldades com crônicas...

Digo, crônicas?

EU: Não.

MAURO: Com poemas?

EU: Não.

MAURO: Com romances?

EU: Não.

MAURO: Você não tem a Síndrome do Não, tem?

EU: Ter ou não ter, eis a questão.

MAURO: A frase não seria “Ser ou não ser, eis a questão”? De Shakespeare?

EU: É! Isso. Confesso que nunca fui bom em teatro.

MAURO: Ah, rá! Tem dificuldade em escrever peças teatrais... Digo, teatrais.

EU: Pois é. Tenho. Muita, por sinal. Ainda tento, às vezes, mas estou prestes a desistir.

MAURO: Vai desistir logo na primeira dificuldade?

EU: É que não é a primeira e não levo jeito para isso.

MAURO: E porque você não começa com o fácil para depois chegar no difícil, como eu fiz?

EU: Como fazer isso com o teatro?

MAURO: Você disse que tem facilidade em escrever crônicas. Comece escrevendo algo que mescle crônica e teatro.

EU: Um croni-teatro... Interessante.

Croni-teatro, uma crônica com falas ou um roteiro com parágrafos. Uma peça para ser lida, e não encenada; uma crônica dramatúrgica, e não narrativa. Uma espécie de teatro sobre si.

EU: Um croni-teatro... Quem sabe, um dia, me arrisco.

O menino que não acreditava em anjos

Miguel tentava, mas não conseguia acreditar em anjos. Acreditava em seres folclóricos, em monstros, em alienígenas, em criaturas místicas, em super-heróis e até em mutantes; mas não em anjos. Garotinhos loiros de cabelos cacheados, que protegem as pessoas, representavam a Miguel uma imagem fantasiosa.

Em Saci-Pererê, ele acreditava. Se Saci-Pererê não existisse, tampouco existiria uma data comemorativa para ele. Se oficializaram 31 de outubro como o dia dele e o país todo concorda com isso, com certeza Saci-Pererê está pulando por aí – trançando as crinas dos cavalos e fazendo com que animais desapareçam subitamente das fazendas.

Em Bicho Papão, ele acreditava. Se Bicho Papão não existisse, os pais não contariam esse tipo de história para os filhos. Se contam e demonstram sinceridade, é para que tomem cuidado com monstros que vivem em armários ou embaixo da cama. Pais nunca mentem – ainda mais sobre uma coisa tão horrenda quanto o Bicho Papão.

Em ETs, ele acreditava. Se os ETs não existissem, ninguém ficaria assustado com as luzes misteriosas no céu ou sinais enigmáticos nas campinas. Se todos se assustam e não conseguem desvendar a origem dessas ocorrências, é porque os ETs executam muito bem o seu papel – de subestimar a mente dos terráqueos.

Em fadas, ele acreditava. Se as fadas não existissem, não haveria motivo para que os dentes amolecessem. Se amolecem e caem é unicamente para manter o emprego das fadas – de trocá-los por moedas, quando colocados embaixo do travesseiro.

Em duendes, ele acreditava. Se os duendes não existissem, as coisas não sumiriam de repente. Se somem e depois reaparecem no mesmo lugar em que foram procuradas milhares de vezes, é porque os duendes estão cumprindo seu ofício – de aprontar com os seres humanos, escondendo seus objetos pessoais por alguns instantes.

Em Papai Noel, ele acreditava. Se Papai Noel não existisse, o Polo Norte já teria derretido por causa do aquecimento global. Se não derreteu e ainda continua bem visto, é graças à magia do Papai Noel – que, quando não é Natal, presenteia a região onde mora com vários sacos de gelo.

Em Coelhoinho da Páscoa era mais difícil de acreditar, mas ele acreditava. Nunca havia visto um coelho pôr ovos, mas também nunca havia visto uma galinha botando. Se botava e eram gostosos na hora do almoço, o Coelhoinho da Páscoa com certeza também botava seus ovos de chocolate para a hora da sobremesa.

Em bruxos, em vampiros, em zumbis e em lobisomens, ele também acreditava. Estavam presentes na maioria dos livros que ele lia, então não podiam ser ficção.

Miguel ia além: acreditava na verdade, na justiça e na paz mundial. Na bondade, na solidariedade e nos sentimentos. Acreditava no amor e na razão. Mas não acreditava em anjos. E pensando no seu “não acreditar”, sobrevoava as nuvens nas quais brincava com seus amigos, Rafael e Gabriel.

A bússola mágica

O ambiente estava em clima de festa. Era meu aniversário. Balões e presentes ajudavam a enfeitar a mesa do bolo. Todos os convidados estavam alegres, mas eu andava cabisbaixo e descontente. Já fazia dias que eu não dava um sorriso e nem sequer sabia o motivo se me perguntassem.

– Aqui está seu presente, querido. Seu pai que escolheu – minha mãe disse, entregando-me uma camisa listrada bastante deselegante.

Todos aplaudiram e gritaram “eh”.

– Cadê o sobrinho predileto da titia? Olha só o que a tia trouxe – minha tia disse, apertando minhas bochechas e me dando um bonequinho de luta.

Todos, mais uma vez, comemoraram.

Os presentes que estava ganhando podiam ser bonitos e escolhidos com carinho, no entanto, eu continuava infeliz. Meu avô, então, arrastou-me para um canto sossegado da casa e falou comigo em particular.

– Meu netinho, você já está tão crescido. E, agora que está completando 12 anos, acho que é o momento certo para te dar isso – disse, entregando-me uma bússola dourada – É uma bússola mágica; basta você lhe dizer onde está querendo ir e ela lhe dirá se você está longe ou perto.

Meu avô me deixou sozinho, admirando o presente. A festa acabou, os convidados foram embora, meus pais foram dormir. E eu continuava a observar a bússola.

No início da tarde seguinte, como em todos os outros inícios de tarde, voltava da escola. Tive, então, uma ideia que o diferenciou dos demais: decidi que demoraria um pouco mais para chegar em casa. Parei no começo da rua e tirei da mochila a bússola que ganhei, pois queria saber se certa coisa estava muito distante de onde eu morava.

– Bússola, sempre fui muito infeliz e nem sequer sei o motivo. Preciso saber se a felicidade mora muito longe de mim.

– Não... a felicidade está próxima! – a bússola respondeu.

Aquela resposta me animou um pouco. Agora, bastava apenas encontrar a casa onde a tal dona felicidade morava.

– Bússola, é aqui que mora a felicidade? – perguntei, parado em frente à primeira casa da rua.

– Não... é um pouco mais à frente!

De repente, chegou uma mulher de vestido com muitos babados e várias sacolas de compra.

– Olha quem está no portão da minha casa...

– ela disse. – Quem é você e o que deseja?

– Na verdade, estava procurando uma coisinha... mas acho que não está aqui.

– Engano seu, rapazinho. Está sim! Eu a guardei em algum lugar. Venha! Entre e vamos procurá-la.

Tentei me esquivar, mas ela me arrastou pelo braço para dentro de sua casa. Tudo para eu pegar uma coisa que nem sabia, ao certo, o que era.

Fui jogado numa poltrona, sendo obrigado a sentar, enquanto a mulher vasculhava uma caixa de papelão repleta de bugigangas.

– Oh, onde foi que eu coloquei? Sei que deve estar por aqui! Hum, não é isso... – e atirou uma laranja para trás. – Não é isso... – e atirou um bichinho de pelúcia. – Nossa, eu ainda tenho isso? – e atirou uma viseira. – Achei! – exclamou, pegando uma pena.

Ela cuidadosamente colocou a pena sobre minha orelha.

– Aí está sua pena perdida! Ela apareceu no meu quintal ontem e resolvi guardá-la até que o dono aparecesse procurando por ela. Vejo que fiz um bom trabalho! – ficou olhando para mim por algum tempo, mas logo desviou o olhar para seu braço sem relógio. – Oh, caramba! Já são dez pra qualquer coisa. É melhor você ir embora – e me empurrou até a saída. – Vá! Vá! E volte sempre que precisar!

Quanto a mim, que pena, só ganhei uma pena. Mas fui persistente e segui com minha busca pela felicidade.

– Bússola, é aqui que mora a felicidade? – perguntei, parado em frente à segunda casa da rua.

– Não... é um pouco mais à frente!

Decepcionado mais uma vez, tentei sair da frente da casa, mas fui impedido por um morador furioso, que saiu assim que me viu.

– Parado aí, mocinho! Sei muito bem que você foi enviado pelas autoridades para tirar o meu descanso. Confesse! Ou sofrerá as consequências.

– Não, senhor... eu só...

– Rá! Tentando me enganar, não é mesmo? Foi você quem pediu... Agora, será condenado à morte!

Nem tive tempo para explicações. Com toda a força que tinha, ele me empurrou para dentro de sua casa e, com uma bruta valentia, jogou e me amarrou na cadeira.

– Quais são suas últimas palavras, espião? – ele perguntou com uma das mãos em meu pescoço.

O susto foi tão grande que minha voz não saiu. E, sinceramente, se pudesse falar naquele momento, não saberia o que dizer.

– O que foi? Onde está sua língua?

– A língua dele está a menos de um metro, em direção ao sudeste – minha bússola respondeu.

O espanto do homem foi tanto que na mesma hora ele soltou o meu pescoço.

– Você não é um espião, não é mesmo? Você foi enviado por aquela louca da casa ao lado... – disse, enquanto me desamarrava. – Por favor, não me machuque! – falava de joelhos – Eu imploro!

– Tudo bem, mas... – fui interrompido outra vez.

– Muito obrigado pelo seu perdão. A porta está aberta.

Saindo, respirei aliviado. Estive bem perto da minha morte. Por sorte, minha bússola tinha como hobby salvar vidas. Ainda assim, pensava comigo “de que louca será que aquele homem estava falando?” Mas cheguei à conclusão de que era a mulher da primeira casa; ela era mais doida do que ele!

Deixando as dúvidas de lado, concentrei no principal objetivo: encontrar a felicidade.

– Bússola, é aqui que mora a felicidade? – perguntei, parado em frente à terceira casa da rua.

A bússola demorou um pouco para responder, como se estivesse fazendo um suspense.

– Não... é um pouco mais à frente!

Ainda triste, virei para continuar minha busca, mas fui impedido pela moça de voz extremamente alta.

– Eu sei que tem alguém aí, mas a campainha não precisa apertar! – disse de dentro de sua casa. – A porta está aberta. Pode entrar!

Fingi não escutar e tentei fugir enquanto ainda havia tempo, mas não obtive sucesso. Meus pés ficaram fixados no chão.

– Ora, ora, quem tentava ir embora... – a moça saía de sua casa voando em uma vassoura. – Está vendo só: se você passa por aqui e não toma nem um chazinho, as energias negativas bloqueiam seu caminho. Agora, entre, por favor! Vamos meditar com louvor!

– Não, moça...

– Não me chame de moça, pequeno caracol! Pode me chamar de Luna de Sangre... quer dizer “lua de sangue”, em espanhol – absolutamente tudo o que ela falava era feito com rimas.

Antes mesmo que eu pudesse emitir qualquer fonema, os fluidos e as energias do espaço cósmico me guiaram até a casa da moça... quero dizer, da Luna.

– Eu sou uma feiticeira do bem, não faço mal a ninguém – ela explicava entre muitas plantas e incensos -, mas, enfim, quem é que acredita em mim? Minha missão aqui na terra é abrir os chackras das pessoas para que elas

possam absorver as energias boas. Mas não tenho sucesso nesse lugar; de ninguém consigo me aproximar...

– Mas... – nem precisei terminar a frase.

– Não, seu bobinho, não é isso que diz o mágico pergaminho. As energias só são fortes o suficiente para prender alguém, quando esse alguém perto da minha casa está. Você nem imagina como é poderoso o campo energético que ronda este lugar.

– Como... – outra pergunta que nem precisei terminar.

– Ah, guri... Sua mente eu li!

Luna foi até um dos vasos de planta, pegou duas xícaras que estavam próximas e virou-se novamente para mim.

– E então, chá de mato ou de bigode de gato? – e logo leu minha mente mais uma vez. – Não grila! Eu pego o de camomila! – e, mais uma vez, entrou no meu cérebro. – Tudo bem, se não quiser ficar, saia pela porta do lado! Mas, depois, não reclame que está com mau-olhado.

E, fazendo gestos de bruxa, me arrastou à base de feitiços para fora de sua casa.

Cheguei a pensar que minha infelicidade pudesse, realmente, ser causada por carmas negativos, mas não seria possível; eu nunca acreditei nessas coisas.

Quase chorando e desistindo de tudo, sentei na guia da calçada, em frente à última casa da rua. Passei por tantas maluquices e perigos, e conheci vizinhos que jamais imaginei que eram tão doidos. Não queria mais arriscar minha vida. Resolvi que jogaria a bússola fora e esqueceria esse negócio de ser feliz.

Tirando a pena de trás da minha orelha, juntei com a bússola e as coloquei sobre a água que descia pela sarjeta. Vendo os objetos sendo levados, deixei uma gota de lágrima cair, pois sabia que, junto com eles, ia também a minha esperança de sorrir de novo.

– É aqui que mora a felicidade? – falei, com ar de ironia, chacoteando a mim mesmo.

Mesmo tendo certeza de que a felicidade morava a milhares e milhares de distância, cheguei a ouvir as últimas palavras da bússola, que, lentamente, era arrastada até o esgoto.

– Sim... é aí mesmo!

Levei um rápido susto. Contorcei todo para pegar a bússola de volta, mas era tarde demais. Tanto ela como a pena caíram no bueiro. Então, com um início de sorriso nos lábios, enxuguei as lágrimas.

– Finalmente poderei conhecer a casa da dona felicidade. Saberei como são os móveis, a cor das paredes... e, é claro, pedirei a ela um pouco de alegria.

Sem poder esperar nem mais um minuto, entrei correndo na casa. E, para minha surpresa...

– Olá, filho! Que bom que você chegou. O almoço está na mesa!

...aquela era a minha casa.

Obra produzida com exclusividade para a
Editora Jogo de Palavras, em agosto de 2018.